

Nunes Coelho, Maria Célia; Abreu Monteiro, Maurílio
Globalization and the Race for Resources
Estudos Sociedade e Agricultura, vol. 18, núm. 2, outubro, 2010, pp. 467-471
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=599964690007>

Globalization and the Race for Resources

Maria Célia Nunes Coelho¹
Maurílio Abreu Monteiro²

Stephen G. Bunker será lembrado como um importante historiador-sociólogo que muito contribuiu para a compreensão das economias extrativas e seus desdobramentos no “desenvolvimento” da Amazônia brasileira.

Bunker, em seus trabalhos, fazia distinção entre as economias extrativas, que dependem da extração de matérias-primas naturais, e as economias produtivas, que, por sua vez, dependem das matérias-primas importadas das economias extrativas, e considerou que cada uma delas dispunha de dinâmicas próprias.

No livro de 1985, Bunker utiliza o raciocínio possibilitado pela constatação de que toda a transformação energética produz calor e de que a energia utilizada tende a se dissipar (com perda de energia útil/entropia), desenvolvido pelo economista romeno Nicholas Georgescu-Roegen (1906-94; publicado nos Estados Unidos em 1970) para explicar a degradação ecológica. Assim, as perdas de energia útil, num sistema fechado como o planeta Terra, são irreversíveis. Também, num contexto de sistema global de trocas desiguais, Bunker,

¹ Professora do Departamento de Geografia da UFRJ, Pesquisadora do CNPq. E-mail: mcncoelho@gmail.com.

² Professor e Doutor em Desenvolvimento Socioambiental pelo NAEA/UFPA. E-mail: maurilio_naea@ufpa.br.

utilizando-se do arcabouço teórico de Arghiri Emmanuel (1972), analisou as experiências alcançadas a partir das aplicações regionais de políticas modernizadoras na Amazônia brasileira.

Em 1994, conjuntamente com Bradford Barham e Denis O’Hearn, Bunker editou o livro *States, Firms and Raw Materials. The World Economy and Ecology of Aluminum*. Nesse livro, S. Bunker, P. Cicantell e demais autores abordaram os fatores históricos, sociológicos, econômicos e geográficos que influenciaram a organização do complexo do alumínio na Amazônia oriental brasileira e que contribuem para explicar contradições e tensões efêmeras e duradouras identificadas nas escalas mundial e regional.

Em 2005, foi lançado, em coautoria com Ciccantell, o seu livro *Globalization and the Race for Resources*. O livro é, de certa forma, um tributo ao autor Harold Innis (1894-1952), um historiador econômico, professor de economia na Universidade de Toronto, cujo estudo sobre o comércio de peles no Canadá (1930) foi um marco na compreensão da organização dos transportes de peles em distâncias cada vez maiores.

O referencial teórico de um livro (o livro de 1985) e dos outros (as obras de 1994 e 2005) foram bem diferenciados. O livro de 1985, conforme já dissemos, estava fundamentado num modelo de uso e perda de valor energia (perda de energia útil/entropia), desenvolvido por Nicholas Georgescu-Roegen (1970), e nas teorias das “trocas desiguais”. Nos livros de 1985, 1994 e 2005, Bunker, Ciccantell e demais coautores explicitaram de maneira mais clara a questão das articulações entre escalas, analisando os casos do alumínio (o corredor fluvial de Oriximiná a Barcarena

PA) e do ferro (o corredor ferroviário de Carajás - PA a São Luís - MA).

Para os autores (Bunker e Ciccantell), a meta de integrar o local ao global e os projetos modernizadores como estratégias de incorporação da Amazônia à economia-mundo, haviam sido as razões dos grandes esforços feitos pelos diversos dirigentes brasileiros, desde o século XVII até o presente. O livro *Globalization and the Race for Resources* (2005), especificamente, foi apoiado nas argumentações da obra de Giovanni Arrighi (1994) – *The Long Twentieth Century* –, adaptadas por Bunker para desvendar a história das relações entre os sucessivos “ciclos de acumulação” extrativos na Amazônia brasileira e as hegemonias do sistema capitalista. Essas ideias foram utilizadas para explicar o surgimento de economias extractivas de exportação na Amazônia, sucessivamente organizadas pelos holandeses, pelos ingleses, pelos norte-americanos e pelos japoneses, no intuito de garantir privilégios de acesso e uso de matérias-primas a partir de investimentos eficazes em tecnologias e desenvolvimento de sistemas eficientes de transporte específico de cada época particular, que modificaram os tipos e volumes das matérias-primas extraídas da região. Tratava-se de economias de escalas que levariam a deseconomias dos espaços, podendo causar a destruição de múltiplos e diversos ecossistemas.

Os autores fizerem, assim, uma releitura da matéria, espaço e tempo, no âmbito das economias, mundiais e regionais. Discutiram os exemplos específicos de explorações extractivas na Amazônia brasileira (entre os quais, o caso particular de Carajás, pelo tamanho da jazida, pela distância até os centros industriais e

pelas escalas dos sistemas de transporte utilizados), visando deles tirar conclusões sobre as relações entre matéria, espaço e tempo, ou sobre as variações espaciais e temporais das relações entre natureza e sociedade. Examinaram como as interações entre tecnologia, ecologia e as economias nos espaços locais, nacionais e globais foram afetadas pelas incorporações anteriores de matéria e espaço na economia mundial. Analisaram, portanto, as relações históricas entre a Amazônia, o resto do Brasil e o governo brasileiro, e a competição reiterada, em expansão de escala, para obter o domínio comercial na economia mundial. Examinaram as políticas utilizadas pelas sucessivas economias em ascensão, destinadas a diminuir os custos da tecnologia e da infraestrutura de transporte, juntamente com as estratégias para estabilizar o acesso às fontes internacionais de matéria-prima, que têm sido um importante fator de progresso em direção à globalização.

Para os autores, a Amazônia ou o caso de Carajás, a maior mina de ferro a céu aberto, explorada pela Companhia Vale do Rio Doce-CVRD, são exemplos ou lições geográficas não só de como se dão as configurações sistêmicas e as conexões interescalares que fazem com que os países do centro do capitalismo exerçam domínio e controle sobre as fontes de matérias-primas e energia remotas, mas também da maneira como a localização e as características físicas dos recursos naturais afetam os avanços no campo das tecnologias de transporte e logística ou renovam as estratégias de produção, de relações de trocas comerciais e explicam, em grande parte, o não desenvolvimento ou o subdesenvolvimento das regiões periféricas ou países ricos em matérias-primas.

Enfim, o livro de 2005 é rico em análises pelos motivos apresentados aqui e por outros, passíveis de ser identificados por meio de leituras cuidadosas. Não podemos deixar de ressaltar o fato de que um dos autores não viveu o suficiente para examinar contemporaneamente o efeito detalhado do crescimento das demandas da China na economia do ferro e do aço no Brasil, em geral, e na Amazônia brasileira ou em Carajás, em específico, nem do expansionismo/crescimento da CVRD, agora privatizada e transnacionalizada nas Américas, na Europa, nos países asiáticos e na África. Tais observações não reduzem de maneira alguma a importância da obra analisada. A contribuição específica de Bunker, e para a compreensão da Amazônia brasileira é, sem dúvida, inegável.

S. G. Bunker e P. S. Ciccarelli.
Globalization and the Race for Resources.
The Johns Hopkins University Press
(lançado em 2006, após sua morte),
2005, 263p.